

Relações sociais entre Estudantes Brasileiros do Ensino Médio: um olhar a partir das Habilidades Sociais.

Autores: Rogério Gomes Neto, Marilda Aparecida Dantas, Marcos Toledo Benassi, Daniela C. Guerreiro-Casanova, Roberta Gurgel Azzi.

Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas/SP – Brasil

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre Habilidades Sociais com estudantes de Ensino Médio no Brasil. Habilidades sociais podem ser definidas como competências que facilitam a iniciação e manutenção de relacionamentos sociais positivos, favorecem a aceitação por colegas e também produzem ajustamento escolar satisfatório. São constituídas por comportamentos apreendidos e socialmente aceitáveis, que permitem ao indivíduo interagir efetivamente com outros e esquivar-se de comportamentos não aceitáveis que resultem em interações sociais negativas. Participaram desse estudo 219 alunos de escolas públicas do interior do estado de São Paulo. A idade dos participantes variou entre 14 e 19 anos, sendo a média de 16,25. Dos 219 estudantes, 62,1% eram do sexo feminino 37,9% do sexo masculino. Por meio da Escala MESSY de Habilidades Sociais (*Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters*) composta por 62 itens respondidos por uma escala Likert de 5 pontos, verificou-se como se dão as interações sociais entre os jovens. A escala tem uma estrutura de quatro fatores: Agressividade/Comportamento Anti-social; *Habilidades Sociais*/Assertividade; Vaidade/Arrogância; Solidão/Ansiedade Social. Os resultados gerais apontam o valor médio de 3,8840 para o Fator 2 (*Habilidades Sociais*/Assertividade) e quando analisados por gênero tem-se 3,7081 para masculino e 3,9928 para feminino.

Palavras-chave: relações sociais, habilidades sociais, ensino médio

Introdução

A escola é, cada vez mais, permeada pela diversidade de comportamentos, atitudes, hábitos, costumes e valores. A partir dessa heterogeneidade configuram-se problemas e imagens que alunos, professores e membros do corpo técnico-pedagógico constroem sobre si e sobre os outros integrantes da comunidade escolar. Para isso, colaboram as experiências externas e internas ao ambiente escolar. É relevante avaliar as experiências internas ao ambiente escolar quando observa-se a dimensão e a extensão da experiência escolar na vida da maioria das pessoas.

De acordo com a regulamentação vigente em nosso país, a educação básica deve começar aos seis anos, no primeiro ano do Ensino Fundamental e se estender até o terceiro ano do Ensino Médio, doze anos depois, quando o aluno deveria ter em torno de dezessete anos de idade. Cada ano escolar é composto de 200 dias letivos, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), portanto os alunos freqüentam a escola em 56,3% dos dias do ano (Brasil, 1996). Se considerarmos somente os dias úteis, eliminando feriados e finais de semana, constatamos que um aluno freqüenta a escola em aproximadamente 80% dos dias úteis do ano. Considerando-se que essa rotina de 80% dos dias úteis de um ano dentro de uma instituição de ensino se repetirá por, no mínimo, doze anos é significativo que se investiguem as inúmeras variáveis presentes dentro de uma instituição de ensino, ambiente no qual muitas pessoas passam boa parte de suas vidas. O que ocorre dentro das escolas durante esse longo período da vida das pessoas sempre suscita questões nos mais diversos campos do conhecimento. No presente trabalho temos como objetivo analisar e refletir acerca das relações sociais estabelecidas com os pares da vida acadêmica – especificamente no Ensino Médio – entendendo a escola não somente como uma fonte, uma oportunidade de socialização, mas também como cenário no qual os jovens mostram-se tal como vêm se desenvolvendo, produto de sua constituição individual e das mais diversas circunstâncias e contextos por eles vividos.

De acordo com Dayrell (2007) a escola, no ensino médio, constitui-se como um importante agente de socialização, embora não o único. O autor apresenta um breve panorama histórico-cultural apontando que a escola pública reunia os jovens de classe social mais elevada até certo tempo atrás, de modo que os jovens mais abastados freqüentavam o ensino médio em instituições públicas em sua maioria. Com o acesso massificado à escolarização e com declínio da qualidade da educação pública, os jovens mais ricos migraram para escolas particulares, de modo que as escolas públicas passaram a ser frequentadas quase que exclusivamente por jovens abaixo da classe média. Nesse sentido, para o autor, no caso específico das classes sociais mais baixas, a escola tem um papel socializador mais específico ainda, visto que muitas vezes encontra-se em regiões periféricas das cidades e se constituem como uma das poucas edificações que abrigam possibilidades dos jovens se encontrarem, já que essas regiões geralmente são privadas de bons equipamentos urbanos, como praças públicas, centros comunitários e praças de esportes.

A escola, como aponta Dayrell (2007) se mantém como um importante cenário de convívio entre os jovens e ainda pode desenvolver um papel de fundamental importância em sua socialização, sobretudo entre os mais pobres. Nesse sentido, as relações sociais estabelecidas entre os jovens do Ensino Médio na escola são de interesse específico. No presente trabalho, especificamente sob a perspectiva das habilidades sociais. De acordo com Gresham (2009), os jovens precisam adquirir habilidades sociais para desenvolver relacionamentos bem-sucedidos com colegas, pais e professores. Segundo o autor, habilidades sociais são competências que facilitam a iniciação e manutenção de relacionamentos sociais positivos, favorecem a aceitação por colegas e também produzem ajustamento escolar satisfatório. Nesse sentido, habilidades sociais podem ser definidas como comportamentos apreendidos e socialmente aceitáveis que permitem ao indivíduo interagir efetivamente com outros e esquivar-se de comportamentos não aceitáveis que resultem em interações sociais negativas.

As tarefas sociais compõem, certamente, parte fundamental do desenvolvimento humano. No entanto, embora as relações sociais sejam parte da natureza humana, a socialização não é autônoma ou reflexa. Del Prette & Del Prette (1999) afirmam que os seres humanos nascem com um equipamento biológico cuja capacidade para se desenvolver no âmbito das interações sociais depende de vários fatores, dentre os quais os cuidados com saúde, higiene e estimulação adequada, de modo geral. A socialização ocorre em diferentes sistemas de interação organismo-ambiente, em diversos microssistemas como família e escola, além de grupos de amigos.

De acordo com Feitosa et al. (2009), no contexto da Psicologia Escolar e da Educação, há muitas pesquisas indicando importantes relações entre relacionamentos sociais e vida acadêmica. O autor apontou em seu trabalho correlações positivas entre desempenho escolar e maior aceitação social no grupo, indicando que o aluno com bom desempenho acadêmico poderia ser mais facilmente aceito, o que não significa necessariamente que ele apresenta boas condições para se relacionar. Outros estudos, como os de Kavale & Forness (1996) e Swanson & Malone (1992) mostram que alunos com dificuldades de aprendizagem são geralmente avaliados, em relação aos seus colegas sem dificuldades de aprendizagem, como menos populares, menos cooperativos e mais rejeitados pelos seus colegas de classe.

Por outro lado, estudos como o de Santos & Marturano (1999) evidenciam que além do já descrito risco de educandos com dificuldades de aprendizagem se constituírem em um grupo com problemas de ajustamento social, também ocorre que alunos com baixa

competência social podem constituir um grupo de risco para as dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido, o aprofundamento no campo das relações sociais, mais especificamente sob a ótica das habilidades sociais, é de fundamental importância para a compreensão da vida escolar do jovem no ensino médio, fornecendo não somente evidências sobre como este se relaciona com seus pares e professores, mas também podendo levantar informações que auxiliam na compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento acadêmico do aluno.

Método

Participantes

Foram participantes da pesquisa 219 estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas brasileiras do interior de São Paulo. A idade dos participantes variou entre 14 e 19 anos, com média de 16,25 anos. Dos 219 estudantes, 136 eram do sexo feminino (62,1%) e 83 do sexo masculino (37,9%), 168 (76,7%) do total da amostra eram estudantes do período diurno e 51 (23,3%) do noturno. Em relação às séries, 81 (37%) estudantes cursavam a 1ª série, 60 (27,4%) a 2ª série e 78 (35,6%) a 3ª série.

Foi identificado que 97,3% (n= 213) dos estudantes responderam que pretendem concluir o ensino médio, 91,3% (n= 200) deles pretendem ingressar no ensino superior, 83,1% (n= 182) nunca repetiram alguma série escolar e 34,7% (n= 76) dos jovens exercem algum tipo de trabalho remunerado.

Instrumentos

Para a coleta de dados utilizaram-se dois instrumentos, sendo um questionário de caracterização dos sujeitos e a Escala Matson de Habilidades Sociais para Adolescentes - MESSY (*Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters*, Matson, Rotatori & Helsén, 1983). O questionário de caracterização é composto por 17 questões que versam sobre aspectos pessoais dos estudantes quanto a sua trajetória escolar, interesses de estudo, vida de trabalho e dados familiares.

Produzida nos Estados Unidos, a MESSY foi adaptada para vários países, avaliando, com base em 62 questões, habilidades sociais e problemas de comportamento em adolescentes. Em cada item, são apresentadas afirmações sobre características do respondente, que é solicitado a indicar, em uma escala de cinco pontos, quão verdadeira

é cada afirmativa. No Brasil, a MESSY foi validada por Teodoro, K  ppler, Rodrigues, Freitas e Haase (2005), que encontraram indicadores satisfatórios de propriedades psicométricas e uma estrutura de quatro fatores: (F1) *Agressividade/Comportamento Anti-social*; (F2) *Habilidades Sociais/Assertividade*; (F3) *Vaidade/Arrogância*; (F4) *Solidão/Ansiedade Social*.

Procedimento

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comit   de   tica em Pesquisa da UNICAMP com aprova  o do parecer n  . 997/2010.    importante mencionar que os dados aqui apresentados compõem parte de um projeto maior em andamento. Foi realizado contato com as diretorias das escolas e explicado os objetivos do trabalho a fim de obter permissão para a coleta de dados na institui  o. Os estudantes foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa, sendo necessária a autoriza  o dos pais ou responsáveis por meio da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os pesquisadores realizaram a coleta de dados em duas etapas, sendo a primeira caracterizada pelo convite a pesquisa e entrega dos termos de consentimento e a segunda a aplica  o efetiva dos instrumentos. A aplica  o foi coletiva em sala de aula na qual o professor autorizou e cedeu sua aula. O tempo de dura  o foi de aproximadamente 40 minutos.

Resultados

Antes de qualquer tratamento nos dados, procedeu-se a conferência de 20% dos dados obtidos nesse estudo. Na análise dos dados foi utilizado o software *Statistical Program for Social Sciences* versão 17 (SPSS), através do qual procederam-se análises estatísticas descritivas.

Na tabela 1, que apresenta Média e Desvio Padrão da amostra para os 4 fatores da MESSY, observa-se que o valor médio para o fator 2 (Habilidades Sociais / Assertividade) apresenta-se relativamente alto (3,8840), ao considerarmos que a escala de resposta varia de 1 a 5. Também podemos apontar que o valores para o fator 1 (Agressividade/ Comportamento Antisocial) encontra-se baixo (1,6895) e com o menor desvio padrão quando comparado aos outros três fatores.

Tabela 1 – Média e Desvio Padrão (DP) Geral

Fatores	Resultado
---------	-----------

	Média	DP
1-Agressividade / Comportamento Antisocial	1,6895	,47158
2-Habilidades Sociais / Assertividade	3,8840	,51043
3-Vaidade / Arrogância	1,8451	,65018
4-Solidão / Ansiedade Social	2,2990	,69107

Na tabela 2 observa-se que os resultados apresentados indicam que no Fator 2 (Habilidades Sociais / Assertividade) os jovens de ambos os sexos apresentam médias relativamente altas, visto que o gênero masculino a média foi de 3,7081 e o feminino apresentou média de 3,9928. É notório também que não há grande diferença entre os valores encontrados por gênero e os valores apontados nos resultados gerais para o fator 2.

Tabela 2 – Média e Desvio Padrão (DP) dos quatro Fatores por Gênero

Fatores	Gênero			
	Masculino		Feminino	
	Média	DP	Média	DP
1-Agressividade / Comportamento Antisocial	1,7380	,52248	1,6611	,43882
2-Habilidades Sociais / Assertividade	3,7081	,54686	3,9928	,45586
3-Vaidade / Arrogância	1,9663	,72906	1,7707	,58731
4-Solidão / Ansiedade Social	2,1385	,74849	2,3927	,63977

As médias relativas ao fator 1 (Agressividade / Comportamento Antisocial) mostram-se baixas tanto para meninos como para meninas, 1,7380 e 1,6611 respectivamente (tabela 2). Nesse sentido é importante observar também que a distribuição das respostas dos 22 itens que compõem o fator 1 apresenta uma característica marcante para essa constatação de médias baixas. Em 18 dos 22 itens componentes do fator 1 observou-se que, no mínimo, 70% das respostas concentraram-se nas opções 1 e 2 da escala. Na tabela 3 encontram-se os cinco itens do fator 1 com distribuição mais concentrada nas opções 1 e 2 da escala.

Tabela 3 – Distribuição das respostas dos 5 itens do Fator 1 (Agressividade / Comportamento Antisocial) com maior concentração nas opções 1 e 2 da escala.

Itens da Escala – Fator 1 Agressividade / Comportamento Antisocial	Escala de 1 a 5: Não Corresponde, Corresponde um pouco, Mais ou Menos, Corresponde Muito, Corresponde Totalmente.				
	1	2	3	4	5
29 - Eu firo os sentimentos dos outros de propósito (eu tento deixar as pessoas tristes).	94,3%	4,8%	0,5%	0,0%	0,5%
2 - Eu ameaço as pessoas ou ajo como um valentão.	88,2%	7,1%	2,4%	1,4%	0,9%
53 - Eu entro muito em brigas.	86,1%	8,2%	2,9%	1,4%	1,4%
7 - Eu pego ou uso coisas que não são minhas sem permissão.	81,0%	12,3%	4,7%	0,5%	1,4%
14 - Eu olho para os outros adolescentes/jovens de um jeito ameaçador.	84,6%	8,7%	4,3%	1,4%	1,0%

Quanto à comparação entre as médias encontradas por série (tabela 4), pode-se identificar uma característica semelhante nos fatores 1, 3 e 4. Nesses fatores as médias na 1ª e 3ª séries são semelhantes e na 2ª série são levemente superiores.

Tabela 4 – Média e Desvio Padrão (DP) dos quatro Fatores por Série

Fatores	Série					
	1ª		2ª		3ª	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
1-Agressividade / Comportamento Antisocial	1,6037	,48014	1,8068	,43514	1,6825	,47780
2-Habilidades Sociais / Assertividade	3,7777	,57314	3,8692	,50045	3,9932	,43417
3-Vaidade / Arrogância	1,7363	,58873	1,9254	,63600	1,8900	,70948
4-Solidão / Ansiedade Social	2,1667	,70920	2,4689	,70675	2,2995	,63688

Outro dado significativo encontrado diz respeito ao fator 4 (Solidão / Ansiedade Social), visto que esses valores apresentam-se não tão baixos como se esperava. Ao contrário, apresentam-se próximos a um ponto médio da escala (que vai de 1 a 5).

Discussão

De acordo com outros estudos já realizados com a escala MESSY, como os de Teodoro et al. (2005) e Méndez, Hidalgo & Inglés (2002), os valores apresentados no fator 1 (Agressividade / Comportamento Anti-social) sempre apresentam-se superiores no gênero masculino. É importante salientar aqui que a publicação de Teodoro et al. (2005) refere-se a uma amostra brasileira (o primeiro estudo brasileiro com esse instrumento). De acordo com Teodoro et al. (2005), somente os dados apresentados no estudo original que propiciou a construção da *Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters* (MESSY) publicado por Matson, Rotatori, & Helsel (1983) não apresentaram essa característica.

Um estudo de Negreiros (2003) sobre agressividade em Portugal, no qual utilizou um questionário desenvolvido para esse estudo, apresenta também características interessantes quanto à diferença entre gêneros quanto aos comportamentos antisociais. Nesse estudo, o autor subdividiu essa categoria em três grupos: furto, agressão e vandalismo. Os resultados são marcantes ao demonstrar uma distinção entre os gêneros nesse sentido. Os jovens do sexo masculino quando questionados sobre a ocorrência desses comportamentos nos últimos trinta dias responderam positivamente em 6,8% para furto, 20,56% para agressão e 12,3% para vandalismo, contra 1,6%, 8,9% e 3,9% entre os participantes do sexo feminino respectivamente.

No presente estudo, embora as médias encontradas nesse fator (Agressividade / Comportamento Antisocial) tenham apresentado diferenças entre gêneros (maiores para o sexo masculino), é importante salientar que essas médias não se apresentaram altas nem

muito distintas entre os grupos, ficando entre 1,7380 (meninos) e 1,6611 (meninas). Esta diferença comparativamente menor entre gêneros pode se dever ao tipo de questão das escalas utilizadas nos diferentes estudos, dado que a MESSY praticamente não contempla comportamentos enquadráveis como furto ou vandalismo, nos quais podem residir diferenças mais visíveis entre os gêneros.

Um estudo de Lopes Neto (2005) envolvendo bullying e agressividade faz um panorama sobre o assunto na literatura internacional. O autor aponta que a agressividade e as práticas antisociais entre alunos de instituições de ensino de educação básica são menos frequentes no ensino médio e na educação infantil, observando-se aumento da prevalência dessas práticas entre alunos de 11 a 13 anos de idade, no ensino fundamental. Lopes Neto também salienta que os meninos compõem a maior parte dos agressores.

Diversos estudos têm apontado características marcantes das instituições de ensino e do aparato social-familiar no desenvolvimento das habilidades sociais (Bandeira 2006; Teodoro et al. 2005; Bolsoni-Silva 2002; Del Prette e Del Prette 1998; Lopes Neto 2005). As evidências são variadas, mas tendem a valorizar o a escola no processo de socialização do estudante, bem como suas características sócio-econômicas e as características da comunidade que permeia e que medeia a relação da escola com o aluno (pais, professores e funcionários, por exemplo). Nesse sentido, por exemplo, Teodoro (2005) aponta significativas diferenças nas habilidades sociais entre alunos de instituições de ensino de bairros de classe média e de instituições de ensino localizadas em favelas, sendo que neste último grupo observaram-se valores mais baixos. O autor salienta que diversas condições sócio-econômicas, stress psicológico, além de questões relacionadas ao relacionamento familiar (desemprego, violência) podem estar relacionadas com este panorama de desigualdade observado no âmbito das habilidades sociais.

A escola pública, como apontado por Dayrel (2007), é de fundamental importância para a socialização dos jovens brasileiros, visto que atende a grande maioria da população e que detém ainda certo monopólio sobre os meios de socialização disponíveis, sobretudo para os jovens mais pobres e de regiões mais periféricas aos grandes centros urbanos. Nesse sentido, estudos futuros discutindo e aprofundando questões sócio-econômicas dessa população e suas relações com o desenvolvimento social dos jovens são importantes para ajudar a construir uma compreensão mais ampla e profunda do jovem brasileiro e de como ele se socializa e se relaciona.

Referências

- Bolsoni-Silva, A. T. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6 (2), 233-242
- Bandeira, M., Rocha, S. S., Freitas, L. C., Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2006). Habilidades Sociais e Variáveis Sociodemográficas em Estudantes do Ensino Fundamental. *Psicologia em Estudo*, 11 (3), 541-549.
- Brasil (1996). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Conselho Nacional de Educação*. Brasília.
- Dayrell, J. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, 28 (100), 1105-1128.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais. *Temas em Psicologia*, 6 (3), 205-215.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999) *Psicologia das Habilidades Sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Feitosa, F B., Matos, M. G. de, Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2009). Desempenho Acadêmico e Interpessoal em Adolescentes Portugueses. *Psicologia em Estudo*, 14 (2), 259-266.
- Gresham, F. M. (2009) Análise do Comportamento aplicada às habilidades sociais. In: *Psicologia das Habilidades Sociais: diversidade teórica e suas implicações*. Petrópolis: Vozes.
- Kavale, K. A., & Forness, S. R. (1996). Social skills deficits and learning disabilities: A meta-analysis. *Journal of Learning Disabilities*, 29, 226-237.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying – Comportamento Agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-171.
- Matson, J. L., Rotatori, A. F., & Helsel, W. J. (1983). Development of a rating scale to measure social skills in children: The Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters (MESSY). *Behavior Research and Therapy*, 21(4), 335-340.
- Méndez, F. X., Hidalgo, M. D., & Inglés, C. J. (2002). The Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters. Psychometric properties of the Spanish translation in the adolescent population. *European Journal of Psychological Assessment*, 18, 30-42.

Negreiros, J. (2003). Relação entre comportamentos agressivos e outros comportamentos desviantes nos jovens: um estudo em meio escolar. In J. A. Correia e M. Matos (Org.), *Violência e Violências da e na Escola*. (pp. 73-82). Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.

Santos, L. C., & Marturano, E. M. (1999). Crianças com dificuldades de aprendizagem: um estudo de seguimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 377-394.

Swanson, H. L., & Malone, S. (1992). Social skills and learning disabilities: A meta-analysis of the literature. *School Psychology Review*, 21(3), 427-443.

Teodoro, M. L. M., Käpler, K. C., Rodrigues, J. de L., Freitas, P. M. de, & Haase, V. G. (2005). The Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters (MESSY) and its Adaptation for Brazilian children and adolescents. *Revista Interamericana de Psicologia*, 39 (2), 239-246.